

## ELOHIM RESGATARÁ MINHA ALMA DO XEOL (SL 49)

Lilia Ladeira Veras

O Sl 49 é uma poesia sapiencial que traz uma dupla reflexão: sobre a morte e sobre a riqueza. Refletindo sobre a morte, o salmista sugere a existência de uma outra vida como retribuição após a morte. Refletindo sobre a riqueza, afirma sua impotência diante da morte.

A linguagem do salmo é sapiencial e a doutrina desenvolvida pelo autor também segue a linha de pensamento sapiencial. O salmista, usando palavras próprias da linguagem sapiencial e expressões comuns na linguagem profética, compõe seu poema para instruir seus ouvintes. Ele tem muito de sábio, mas é também profeta e mestre e mostra sua tríplice capacidade na sua dupla reflexão.

Como sábio, reflete sobre a fatalidade da morte e sobre a sua função de nivelar as pessoas atingindo sábios e tolos, homens e animais. Como profeta, prevê o fim dos que confiam na riqueza. Como mestre, aconselha o pobre a não temer e confiar em Deus.

Também como sábio, ele pondera sobre a efemeridade da riqueza; como profeta denuncia os que nela confiam; como mestre, adverte o rico para que não se iluda com o falso poder e com a aparente segurança da riqueza.

O salmo parece ter chegado a nós bastante corrompido<sup>1</sup>. Alguns versículos são difíceis de traduzir ou de compreender. Talvez alguns tenham sido deslocados ou acrescentados. Mas, aqui, o salmo foi traduzido e analisado em sua forma final, como nos foi transmitido.

A tradução foi feita de forma bem literal preservando, sempre que possível, as construções literárias até mesmo no que se refere à ordem das palavras na frase. Isso facilitou o estudo literário do salmo. Antes do estudo literário, foi feita uma proposta de divisão do texto. Essas duas etapas, aparentemente desnecessárias, possibilitaram muitas informações ao estudo exegético do salmo, parte mais importante do estudo. A divisão do texto facilitou a determinação dos temas e o estudo literário esclareceu quais desses temas o autor quis ressaltar e qual o núcleo da mensagem que quis transmitir.

Passemos a essas etapas:

1. Cf. Kraus, Hans-Joachim. *Los Salmos – Sl 1–59*. Vol. 1. Salamanca: Sígueme, 1993, p. 729-740.

## 1. Tradução do texto hebraico

<sup>1</sup>Do mestre de canto, dos filhos de Coré, mizmor.

<sup>2</sup>Ouvi isto, todos os povos, escutai, habitantes do mundo,

<sup>3</sup>também filhos de Adão, também filhos do homem, juntos rico e pobre.

<sup>4</sup>Minha boca falará sabedorias e meditação do meu coração, inteligências.

<sup>5</sup>Inclinarei para parábola meu ouvido, revelarei com lira meu enigma.

<sup>6</sup>Por que temerei em dias de desgraça, quando meu perseguidor me circundar?

<sup>7</sup>Os que confiam na sua fortuna e na abundância de sua riqueza gabam-se.

<sup>8</sup>Irmão, o resgatador não resgatará; homem não dará a Elohim seu resgate,

<sup>9</sup>e caro é o resgate da sua alma e falta para sempre,

<sup>10</sup>para viver mais, para perpetuar-se e não ver a tumba.

<sup>11</sup>Eis que, vê, os sábios morrerem e juntos tolo e ignorante perecerão, e aumentam para depois sua fortuna.

<sup>12</sup>No seu íntimo, suas casas são para sempre, suas habitações para geração e geração, deram nome, em seu nome, para terras.

<sup>13</sup>*E o homem em glória não permanecerá; significado: como bestas emudecem.*

<sup>14</sup>Este é caminho deles, tolos para si mesmos, e dos que, depois deles, em sua boca, os aceitam. Pausa

<sup>15</sup>Como rebanho, para Xeol destinam-se; a morte os apascentará e mandarão neles os retos pela manhã, e sua imagem é para deteriorar-se; o Xeol é residência para ele.

<sup>16</sup>Mas Elohim resgatará minha alma da mão do Xeol; eis que me tomará. Pausa

<sup>17</sup>Não temas quando se enriquece um homem, quando aumenta a glória de sua casa.

<sup>18</sup>Eis que quando ele morrer não tomará nada, não descera atrás dele a sua glória.

<sup>19</sup>Eis que sua alma, quando vivia, era bendita e te louvava, eis que tudo vai bem para ti.

<sup>20</sup>Irá para geração de seus pais, para sempre não verão a luz

<sup>21</sup>*O homem em glória não compreenderá; significado: como bestas emudecem.*

## 2. Proposta de divisão do texto

O primeiro versículo do salmo (v. 1) é o título. Os quatro versículos seguintes (2-5) são uma estrofe introdutória. A partir do v. 6 o salmo pode ser dividido em duas partes: 6-13 e 14-21. As duas partes terminam com versículos quase idênticos, que podem ser considerados como um refrão. Cada uma dessas partes pode ser subdividida

em duas estrofes: 6-10 e 11-13; 14-16 e 17-21. O salmo todo fica, então, com um título e cinco estrofes.

No título, a palavra “mizmor” indica uma classificação do salmo. A palavra tem significado incerto mas parece indicar um acompanhamento instrumental<sup>2</sup>.

A primeira estrofe (2-5) é introdutória. É uma introdução própria para preparar uma instrução didática. O salmista, como um sábio, convida todos os povos, todos os habitantes do mundo, quer ricos ou pobres, a ouvirem sua palavra de sabedoria, o enigma que vai revelar.

Na segunda estrofe (6-10), é levantado um problema que será o tema principal do salmo: a existência de uma outra vida como retribuição após a morte. O salmista inicia formulando uma pergunta. Indaga sobre o motivo pelo qual temeria desgraças e perseguições. E, sem respondê-la, passa a considerar o comportamento do ser humano que confia em suas riquezas e a impossibilidade que encontra em utilizar sua fortuna para evitar a morte. O ser humano não pode pagar um resgate pela morte mas o salmista acredita que ele próprio será resgatado por Deus. É esse o enigma que ele propõe.

Na terceira estrofe (11-13), o salmista faz considerações sobre a morte. Observa que a morte nivela as diferenças. A igualdade de destino aguarda todas as pessoas, quer sejam sábios ou ignorantes. Ao morrerem, sua fortuna é deixada, mesmo aquela que parecia ser estável e duradoura. O último versículo dessa estrofe afirma que a morte iguala o ser humano até mesmo ao animal.

Na quarta estrofe (14-16), parece que o salmista volta a falar do ser humano que confia nas riquezas. Seu destino será o Xeol, lugar dos mortos. Mas, agora, o salmista parece ver uma solução positiva, pois confia que Deus salvará sua alma e a libertará do Xeol.

Na quinta estrofe (17-21), é retomado o tema da terceira. O rico, quando morrer, nada levará do que possui. As trevas o aguardam para sempre. O último versículo da estrofe repete, quase com as mesmas palavras, o conteúdo do último versículo da terceira estrofe, isto é, a afirmação de que, na morte, o ser humano se iguala ao animal.

Os últimos versículos da terceira e da quinta estrofes, como já foi dito, podem ser considerados como um refrão (13.21). Existem também no texto duas pausas no final de cada um dos versículos 14 e 16 e não após cada refrão, como seria de esperar. Essas pausas não foram consideradas na divisão do texto.

A divisão proposta pode ser esquematizada da seguinte forma:

2. Cf. Morla Asensio, Víctor. *Livros sapienciais e outros escritos*. São Paulo: Ave Maria, 1997, p. 260-265.

v. 1	título	
2-5	introdução: <b>prepara uma instrução didática</b>	
6-13	1ª parte	6-10 <b>levantamento do problema:</b> os que confiam na riqueza gabam-se
		mas o homem não pode pagar a Deus o seu resgate
		11-13 – <b>considerações sobre a morte:</b> sábios e tolos morrem juntos <b>refrão:</b> <i>o homem morre como animal</i>
14-21	2ª parte	14-16 – <b>solução do problema:</b> o caminho (de quem confia nas riquezas) é o Xeol mas Elohim resgatará a minha alma do Xeol
		17-21 – <b>considerações sobre a morte:</b> quando (o rico) morrer, não levará sua glória; irá para a geração de seus pais, não verão a luz
		<b>refrão:</b> <i>o homem morre como animal</i>

### 3. Comentários sobre a forma do salmo

Na introdução (2-5), o próprio autor informa que “falará coisas sábias” e “meditará sobre coisas inteligentes”. Para isso, “inclinará o seu ouvido à parábola” e “revelará com a lira o seu enigma”. Todo o vocabulário é próprio da literatura sapiencial.

Nas duas partes (6-13 e 14-21), que terminam com o refrão (13.21), há repetições temáticas. Os temas tratados na primeira parte retornam na segunda parte com conteúdos modificados. Assim, a pergunta que o salmista faz a si mesmo no v. 6 tem como resposta o conselho dado no v. 17. A afirmação feita no v. 8, de que o ser humano não pode pagar o seu resgate a Deus, é contrariada no v. 16 com a afirmação de que Deus resgatará a sua alma. O desejo das pessoas de não morrerem, expresso no v. 10, é contrariado no v. 15, com a afirmação de que, independente de seu desejo, a morte os apascentará. Existe ainda uma repetição (v. 11.14), que é a referência aos tolos, em que não há oposição. Os dois versículos afirmam que os tolos perecerão.

Pode-se observar que essas repetições existentes em 6-17 são concêntricas, formando um quiasmo com o refrão realçado ocupando o centro:

6 **por que temerei** dias de desgraça

A

8 **um homem não dará a Elohim seu resgate**

B

10 para perpetuar-se e **não ver a tumba**

C

11 **juntos tolo e ignorante** perecerão

D

13 *homem em glória não permanecerá; significado: como bestas emudecem*

14 este (é) caminho deles, **tolos para si mesmos**

D'

15 como rebanho para Xeol destinam-se; **a morte os apascentará**

C'

16 **mas Elohim resgatará minha alma** da mão do Xeol

B'

17 **não temas** quando se enriquece um homem

A'

Entre a terceira e a quinta estrofes também existem correspondências temáticas. O refrão do v. 13 repete-se no v. 21 com pequena alteração, já mencionada. E as frases componentes de 11-12, que precedem o refrão do v. 13, correspondem, em conteúdo, às de 17-20, que precedem o refrão do v. 21. Essas correspondências existentes entre a terceira e a quinta estrofes são paralelas.

12 no seu íntimo suas casas **para sempre**; suas habitações **para geração e geração**

E

13 *homem em glória não permanecerá; significado: como bestas emudecem*

F

20 irá **para geração de seus pais, para sempre** não verão a luz

E'

21 *homem em glória não compreenderá; significado: como bestas emudecem*

F'

Existem ainda, no salmo, outras construções interessantes como oposições, além de outros paralelismos e quiasmos.

As oposições ocorrem não só entre idéias, como acontece entre a segunda e a quarta estrofes, mas também há pares de palavras de significados opostos como ricos e pobres (v. 3), sábios e tolos (v. 11), viver e morrer (18-19).

Há paralelismos nos versículos 2 e 4. No v. 2, além de paralelas, as frases são equivalentes:

2 ouvi isto      todos os povos

A

B

escutai      habitantes do mundo

A'

B'

4 minha boca                              falará      sabedorias

A

B

C

e meditação do meu coração      (será)      inteligências

A'

B'

C'

Há também versículos com uma parte comum que se desdobra em duas frases paralelas. Isso ocorre nos versículos 11 e 17:

11 eis que vê os sábios		morrerem	
A	B	C	
	tolo e ignorante	perecerão	
	B'	C'	
	(eles)	aumentam	para depois sua fortuna
	B''	C''	D''
17 não temas	quando	se enriquece	um homem
A	B	C	D
	quando	aumenta	a glória de sua casa
	B'	C'	D'

Há também versículos paralelos com inversão na ordem dos elementos, formando quiasmos. Isso acontece nos versículos 5 e 7. No v. 5, o realce é dado à revelação. A inversão na ordem dos elementos ocorre entre os gêneros utilizados na transmissão da revelação (parábola e enigma) e os instrumentos que possibilitam ouvir (ouvido) e transmitir (lira) essa revelação:

5 inclinarei	para parábola	meu ouvido
A	B	C
revelarei	com lira	meu enigma
A'	B'	C'

No v. 7, o realce é dado ao comportamento do rico:

7 os que confiam	na sua fortuna
A	B
na abundância da riqueza	gabam-se
B'	A'

#### 4. Comentários exegéticos

Como já foi dito, trata-se de um poema sapiencial. O salmista pretende instruir os seus ouvintes sobre as experiências que viveu e observou. E, para isso, propõe-lhes a reflexão sobre um problema, um enigma como ele próprio o chama.

1ª estrofe (2-5) – A estrofe introdutória mostra a intenção didática do autor. A linguagem usada indica influência sapiencial. O salmista inicia seu poema com a fórmula “ouvi”, própria dos profetas.

O seu discurso destina-se a uma comunidade imensa (2-3). Ele convoca a ouvi-lo nada mais do que todos os povos, todos os habitantes do mundo. Classifica os seus ou-

vintes em duas categorias: os filhos de Adão e os filhos do homem. E parece que a seguir, no v. 3, ele mesmo explica a sua classificação: rico e pobre. Mas não fica claro se essa correspondência é recíproca ou quiásmica:

3 também filhos de Adão	também filhos do homem
juntos rico	e pobre

No seu poema, há mensagens para o rico e outras para o pobre. Ao rico, ele vai advertir para que não confie na riqueza. Ao pobre, ele vai aconselhar para que não tema e confie em Deus.

Em 4-5, afirma que “falará sabedorias” ou “falará coisas sábias”, o que significa que falará sobre tema de conteúdo inspirado. Afirma também que “meditará inteligências” ou “meditará sobre coisas inteligentes”, isto é, que sua reflexão será a respeito da vida concreta, da sua experiência e da sua observação.

Para falar a respeito de coisas sábias, ele “inclinará o seu ouvido à parábola”. A expressão “incliná-lo o ouvido” é utilizada nos livros sapienciais (Jó 34,2.16; 37,14; Pr 4,20; 17,4; 22,17) e proféticos (Is 28,23; 32,9; 55,3; Jr 11,8; 34,14) e também nos salmos (Sl 17,7; 86,1; 88,2; 102,2) e significa estar disposto a ouvir a palavra de Deus. O salmista está querendo dizer que vai ouvir uma sentença inspirada por Deus e falar o conteúdo da mensagem divina. Embora a reflexão não seja transmitida em forma de fala de Deus, certamente é o conteúdo de um oráculo divino.

Uma vez inspirado, ele “revelará com a lira o seu enigma”. Ele vai propor um problema e promete revelá-lo. No salmo, ele vai apresentar uma solução que se afasta das soluções comuns, mas não vai esgotar a dúvida. A lira o auxiliará para que ele receba a inspiração. Elias também foi favorecido por uma lira para receber a revelação e profetizar (2Rs 3,15) e Davi tocava a lira para afastar os maus espíritos que atormentavam Saul (1Sm 16,23).

2ª estrofe (6-10) – No v. 6, o autor formula a pergunta: por que temerei? Afirma que passou por “dias de desgraça” e sofreu com um “perseguidor”. Ele pode realmente ser alguém que sofreu perseguição por parte de ricos e poderosos, mas também pode ser apenas um porta-voz dos que se encontram nessa situação. De qualquer forma, ele se coloca ao lado dos perseguidos e se identifica com eles. Mas a pergunta, feita a si mesmo, significa que não há motivo para temer.

Em seguida, no v. 7, ele apresenta o problema. Inicia considerando a classe de pessoas dos “que confiam na sua fortuna”. Certamente, já falava a respeito deles no versículo anterior. E os seus perseguidores estão entre eles. A palavra que foi traduzida como “perseguidores” deriva de outra que significa “calcanhar” sugerindo um tipo de perseguidor que persegue pelas costas, de forma enganosa.

No v. 8, apresenta o problema inicial: a riqueza é impotente diante da morte. E pondera: um homem não resgata nem o irmão. Parece que o v. 10 é uma continuação do v. 8: o homem não pode pagar a Deus o seu resgate para viver mais e evitar a morte. O v. 9, como se estivesse entre parênteses, traz a explicação: o resgate da alma é caro e

nunca será suficiente. A palavra que foi traduzida como “resgate” é a mesma usada na lei para o resgate dos primogênitos (Ex 3,49; 34,20) e para o resgate do responsável por uma morte (Ex 21,30). É a mesma também que descreveu a obra realizada por Deus para resgatar seu povo da escravidão do Egito (Dt 7,8).

3ª estrofe (11-12) – O salmista argumenta que a morte nivela as pessoas. Atinge sábios e ignorantes. Os ricos, mesmo que pensem que sua fortuna é sólida e estável, mesmo com casas, palácios e terras, os deixarão para outros. Com essa reflexão, o salmista pretende preparar seus ouvintes para instruí-los sobre a retribuição, que vai afirmar em 14-16. “Dar nome às terras” significa transmitir o domínio dessas terras. É um ato jurídico. O nome do novo proprietário é pronunciado sobre a terra em sinal de domínio<sup>3</sup>.

O uso da oposição “sábio/tolo” mostra influência sapiencial. É freqüente no livro dos Provérbios (Pr 1,20-33; 10,14; 14,1.3.6-7.8.24; 15,2 *et passim*).

O livro de Coelet, que provavelmente é posterior ao salmo, também traz a reflexão sobre a morte que atinge igualmente sábios e tolos (Ecl 1,16). Mas Coelet questiona a doutrina da retribuição.

O v. 13 é o refrão. Nesse versículo, o salmista afirma que a glória do homem não é permanente e que ele morre como o animal. Coelet também faz essa reflexão, comparando o destino dos homens com o dos animais (Ecl 3,18-20). Mas Coelet tenta descobrir uma diferença entre esses destinos quando indaga: “quem sabe se o alento do homem sobe para o alto e o alento do animal desce à terra?” (Ecl 3,21).

A palavra que foi traduzida como “significado”, deriva da mesma palavra que ocorre no v. 5, que foi traduzida como “parábola”. É utilizada nas fábulas ou parábolas para indicar a “moral da história” ou o “significado” da mensagem.

4ª estrofe (14-16) – Todos foram nivelados. Todos são considerados tolos diante de si mesmos porque não pensam no seu futuro, pois a morte os atingirá. Contra a sua vontade, como ovelhas tangidas, serão levados para o mundo dos mortos, irão para o Xeol. O salmista personifica a Morte e a apresenta como um pastor que os apascenta.

Mas, certamente, o salmista refere-se ainda aos que “confiam na sua fortuna e na abundância de sua riqueza”, pois, para si mesmo, ele vislumbra uma solução. Deus poderá resgatar sua alma do Xeol e “tomá-lo” (v. 16). Certamente, é esse o enigma que ele quer revelar. Enquanto aquele que confia nas riquezas não será resgatado porque nunca terá riqueza suficiente para isso, ele, que agora é perseguido, terá sua alma resgatada pelo próprio Deus. E, certamente, também compartilharão do seu destino aqueles que ele representa: os perseguidos.

Mas não é claro o destino que terá a sua alma. Não se sabe se será arrebatada em vida ou se ressurgirá do Xeol. O verbo que foi traduzido como “resgatar” significa também “tomar” ou “arrebatado”. Esse mesmo verbo ocorre em Gn 5,24, com relação a Henoc que “foi arrebatado por Deus”, e em 2Rs 2,9-10, na passagem em que Eliseu viu

3. Cf. *Bíblia: Tradução Ecumênica – TEB*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 459, nota de rodapé g e p. 1057, nota de rodapé i.

Elias “ser arrebatado da sua presença”. Aqui, pode exprimir uma vida de união com Deus após a morte, mas não há ainda uma idéia de ressurreição.

A idéia da ressurreição só vai aparecer com mais clareza em Is 26,19 quando “os mortos tornarão a viver” e em Dn 12,2, quando “os que dormem no solo acordarão, uns para a vida eterna, e outros para o horror eterno”. Em Daniel, já é bem clara a idéia da retribuição após a morte. Mas o salmista sabe apenas que deve confiar em Deus, o único que tem poder sobre a morte.

5ª estrofe (17-21) – Se até aqui o salmista advertiu o que confia nas riquezas, agora, no v. 17, aconselha o pobre a não temer. No v. 6, ele se interrogou sobre o motivo pelo qual temeria. No v. 16, deixou claro que seu temor é desnecessário pois Deus o salvará da morte. Agora, ele anuncia ao pobre que terá o mesmo destino seu, que também achará salvação. O versículo inicia com a expressão “não temas”, que é uma fórmula usada nos oráculos de salvação. Ocorre em textos proféticos (Is 10,24; 37,6; 41,10; 43,1.5; Jr 30,10; 46,28).

Em 18-20, o salmista observa que não adianta ter glórias, aumentar as riquezas, acumular bens. A morte separa o ser humano de sua fortuna e o leva desguarnecido para junto de seus pais, para as trevas da região dos mortos. Há uma inversão entre o prazer que o rico tem em vida e o fim trágico que terá nas trevas da morte. O salmista também terá seu destino invertido: é perseguido mas será resgatado.

O v. 21 é o refrão. Comparando-o com o refrão do v. 13, observa-se que uma palavra foi substituída. Nessa palavra, apenas uma letra foi alterada: *yaliyn*, que significa “permanecerá”, foi substituída por *yaviyn*, que significa “entenderá”. Assim, o segundo refrão apresenta um motivo para o primeiro. O homem cheio de riquezas não permanece porque, cheio de riquezas, não pode entender. É preciso que ele entenda, para que não confie nas riquezas mas em Deus, para então permanecer. Só confiando em Deus, ele será salvo.

## 5. Contexto em que o salmo se insere

O início do salmo, em forma de instrução didática, sugere que o salmista seja ligado ao culto. Afirmando que “ouve parábolas” e “fala coisas sábias”, ele quer dizer que recebeu uma inspiração divina e que vai transmiti-la. Isso sugere que ele é um mediador do oráculo divino. O vocabulário e a estrutura do pensamento o ligam aos meios proféticos e sapienciais.

A característica de poesia sapiencial sugere um salmo de redação tardia, e a doutrina da retribuição que o salmista desenvolve, embora ainda incipiente, é um tema que surgiu após o exílio<sup>4</sup>. A doutrina da retribuição será questionada nos livros de Jó e de Coelet, certamente posteriores. A personificação da morte também indica uma época de composição tardia do salmo.

4. Cf. Fohrer, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 454-458.

## **Bibliografia**

- BUSS, Martin J. “The Psalms of Asaph and Korah”. *In: Journal of Biblical Literature*, n. 82. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1982, p. 382-392.
- FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1993 [Nova Coleção Bíblica].
- KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos – Salmos 1–59*. Vol. I. Salamanca: Sígueme, 1993 [Biblioteca de Estudios Bíblicos, 53].
- *Teología de los Salmos*. 2ª ed. Salamanca: Sígueme, 1996.
- MORLA ASECIO, Víctor. *Livros sapienciais e outros escritos*. São Paulo: Ave Maria, 1997 [Introdução ao Estudo da Bíblia, 5].
- SCHÖKEL, Luís Alonso & CARNITI, Cecília. *Salmos I (Salmos 1–72) – Tradução, introdução e comentário*. São Paulo: Paulus, 1996 [Grande Comentário Bíblico].
- WEISER, Artur. *Os salmos*. São Paulo: Paulus, 1994 [Grande Comentário Bíblico].

*Lilia Ladeira Veras*  
Rua Cardoso de Almeida, 817, ap. 122  
Bairro Perdizes  
05013-001 São Paulo, SP